

POR QUE A UNIVERSIDADE NÃO FORMA UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA?

Tassia Ferreira Tartaro, Antonio Carlos Carrera De Souza, Nadia Baccan Cavamura

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Este ensaio foi desenvolvido a partir de uma investigação de natureza teórico-bibliográfica sobre a formação dos professores de Matemática e tem como objetivo explicitar algumas reflexões sobre a formação de professores de Matemática, lançar o olhar para o que significa formar e buscar caminhos outros, ainda não trilhados em cursos de formação. Para isso, o objeto de estudo deste texto é o Cuidado de Si de Foucault, com as contribuições de Deleuze no que diz respeito às subjetivações. Sendo assim, nossa proposta é pensar a formação do professor de Matemática a partir das linhas de força que atravessam, tocam e subjetivam os sujeitos envolvidos em um curso de Licenciatura em Matemática. Entendemos a formação do professor de Matemática como um processo que ocorre no próprio sujeito, um movimento no próprio eu que se forma. Um professor que antes de ser um exemplo para os outros, se constitua um exemplo para si mesmo. Nosso papel na Educação, como formadores, é mostrar a potência da vida, dessa forma, um curso de formação de professores deve ser mais do que uma passagem da escola para a universidade. Dentro de um curso de formação de professores devem estar presente, além dos técnicas matemáticos e pedagógicos, caminhos que proporcionem o conhecimento de si mesmo, uma formação que proporcione um movimento de se conhecer, de se cuidar. De tornar-se. Portanto, é resistir aos velhos ideais de formação de professores, é se inventar, ser diferente. Não se contentar com ideias cristalizadas, é fazer o novo. Palavras-Chaves: Formação de Professores de Matemática, Cuidado de si, Subjetivações.

POR QUE A UNIVERSIDADE NÃO FORMA UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA?

Tássia Ferreira Tartaro¹; Nadia Regina Baccan Cavamura²; Antonio Carlos Carrera de Souza³. UNESP, Rio Claro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de explicitar algumas reflexões suscitadas em investigação de natureza teórico-bibliográfica sobre a formação dos professores de matemática. Para tanto o objeto de estudo deste texto é o cuidado de si de Foucault (2011a; 1984; 2011b), com as contribuições de Deleuze (2005, 1998, 2008), no que diz respeito às subjetivações. Sendo assim o propósito desse texto é apresentar um *ensaio*.

Conforme Leite (2013) a proposta de construir um *ensaio* se articula a partir da ideia de que, talvez, nesses temas nada possa ser considerado como determinante, ser apresentado como verdade pronta e acabada, porém, nesses assuntos, de certa forma, as ideias, os pensamentos estão sempre em construção, se exibem inacabados e de alguma forma estão em preparação, estão porvir.

Para tal ensaio, tomamos como ponto de partida três temas: Formação do professor de matemática, cuidado de si e subjetivação. Tais temas se articulam para formar um sujeito. Sendo assim, qual o papel de nossos cursos de licenciatura no emaranhado deste ensaio? A partir disso, nosso interesse se encontra em uma discussão acerca da formação dos professores atrelada ao cuidado de si e suas subjetivações.

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA, O CUIDADO DE SI E SUAS SUBJETIVAÇÕES.

Conforme Foucault (2011a) o *Epiméleia heautoû* é o cuidado de si, ou seja, o fato de ocupar-se consigo mesmo, de preocupar-se consigo. Para este autor o cuidado de si pode ser considerado o momento de um primeiro despertar, se encontra no momento em que os olhos se abrem para algo novo, para o inesperado. *O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e*

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP (PPGEM) – Rio Claro, integrante do grupo Uns/PPGEM/RC que pesquisa temáticas, em Educação Matemática, apoiadas na literatura da Filosofia da Diferença, sob a orientação do professor Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza.

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP – Rio Claro (PPGEM), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza. Integrante do Grupo de Estudos Múltiplos Um - Uns/PPGEM/RC que pesquisa temas em Educação Matemática, apoiadas na literatura da Filosofia da Diferença.

³O Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza é professor voluntário do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEM) do IGCE/UNESP/Campus Rio Claro. Atualmente coordena o grupo Uns/PPGEM/RC que pesquisa temáticas em Educação Matemática apoiadas na literatura da Filosofia da Diferença.

constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de inquietude no curso da existência. (Foucault, 2011a, p. 9)

O cuidado de si é um conjunto de práticas — que tem como objeto o próprio sujeito na sua relação consigo mesmo— segundo as quais o sujeito vai se constituindo como sujeito de suas ações, sem a necessidade de imposição de códigos e leis, e pressões sociais e morais, ou seja, o indivíduo através de sua temperança constitui o seu próprio código moral e vive baseado nele, se construindo e reconstruindo, formando-se e transformando-se, constantemente em seu devir.

Para Foucault (2011a) Sócrates é o homem do cuidado de si, é aquele que dirigia a palavra aos jovens na rua e lhes dizia que era preciso cuidar de si mesmos. Para este autor o cuidado de si é uma atitude, para consigo e para os outros. É uma forma de atenção, de olhar que designa uma ação, que são exercidas para consigo mesmo e,

com a noção de *epimeleia heautoû*, temos todo um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das nações ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou se quisermos, na história das práticas da subjetividade. (FOUCAULT, 2011a, p. 12. Grifos do Autor.)

Em História da Sexualidade II, Foucault (1984) nos relata que a necessidade de cuidar de si mesmo está vinculada a um exercício de poder de si sobre si próprio em busca a um sujeito subjetivado só por si. Foucault (1984) mostra que o objetivo central do cuidado de si é governar a si próprio o permite ao sujeito que se governa possa almejar a governar os outros. A ideia é que não é possível governar os outros sem que se tenha o governo de si em suas mãos.

O cuidado de si, para Epicteto, é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação. (FOUCAULT, 2011b, p.53)

É o sujeito tomando-se como objeto de investigação, de conhecimento. A subjetivação, ou a relação consigo, nos leva ao exercício do “governo de si” em busca de uma vida ético-estética baseada em códigos de *virtude* e regulação interna. (DELEUZE, 2005, p. 108). Aqui *virtude* indica o princípio pelo qual o sujeito vive em acordo com suas regras e sua temperança. É *a vida como obra de arte*.

No entanto, o que o cuidado de si de Foucault (2011a, 2011b, 1984) tem haver com a formação do professor? Em que momento estes dois temas se chocam, se misturam?

Segundo o que até aqui enunciamos entendemos não ser possível haver formação onde aquele que forma — o professor da Licenciatura em Matemática — não cuida de si mesmo. Neste enfoque, o cuidado de si se tornou fundamental no que diz respeito à formação e, em particular, dos professores de Matemática. É fato que um curso de

licenciatura forma professores para atuarem no ensino básico, o pressuposto básico é a formação integral do cidadão, sendo assim como entender que os professores que os formam — oriundos por lei de licenciaturas — não cuidem de si? Não governem a si para poder governar os outros?

No entanto, em todo processo de vida, bem como em todo processo de formação e tal qual no cuidado de si mesmo existe linhas de poder que se movem e subjetivam o sujeito. Ou seja, acreditamos que um processo de formação seja um movimento de linhas de força. Sendo assim, o processo de ensino-aprendizagem seria direcionado por um jogo de forças intenso, onde o formar licenciandos em matemática, o praticar a matemática, o produzir conhecimento são operadas o tempo todo pelos vários atores em/da formação.

Sendo assim, um curso de licenciatura é um dispositivo no qual não existe a neutralidade. Para Deleuze (1990) um dispositivo é uma espécie de novelo, composto de linhas de naturezas diferentes, linhas de força. Sendo assim, podemos dizer que um curso de formação é um dispositivo, assim como suas disciplinas também os são. Um dispositivo é formado por linhas de força que tem por objetivo, subjetivar o sujeito. Um terreno cujo poder é rede, disputa e tensão. Portanto, o licenciando que faz parte de um curso de formação, faz parte também de uma multiplicidade de relações de força.

Para Agambem (2011) os dispositivos de Foucault, são tudo que tem de uma maneira ou outra, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos.

Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto uma suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. (DELEUZE, 1990, p. 157)

De fato, várias são as linhas que atravessam o dispositivo Licenciatura em Matemática, o dispositivo aula de matemática. Enfim, as linhas de força passam por todos os lugares de um dispositivo. Trata-se de uma dimensão do poder. Afinal o que é o poder?

Para Deleuze (2005), Foucault acredita que o poder é um conjunto relações de forças. Estas forças são antes que qualquer coisa um fluxo, sempre uma ação. Segundo Deleuze, “O poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável porque é difuso.” (DELEUZE, 2005, p. 36) por conta disso é impossível dizer aonde ele se encontra, ele não é localizável, pois a rede é constituída de pontos singulares e fluxos de força.

Para Foucault o poder não é essencialmente repressivo, ele se exerce e transita tanto pelos dominantes quanto pelos dominados. (DELEUZE, 2005). Sendo assim, o poder não está na instituição universitária ou no professor desta, ou seja, naquele que, às vezes, passa a impressão de ter maior poder neste espaço. Porém, contrariamente a isto, o poder se encontra nas relações existentes neste dispositivo, entre professor/aluno, aluno/aluno, universidade/professor, assim por diante.

Os saberes são produzidos através dos poderes que nos afetam em determinada época. Em cada momento somos afetados por forças. Essas forças são ações, mas os conhecimentos, os saberes são históricos, talvez por isso exista uma dificuldade em nos libertarmos de algumas de nossas amarras, ou seja, de uma moral estabelecida em dada época, pois a dada moral corresponde uma genealogia. O sujeito é formado por essas relações de força que o afetam, relações estas que produzem saberes específicos, dependendo do contexto em que está inserido. “o exercício do poder aparece sempre como um afeto, como o poder da força de afetar outras forças (sua função) e o de ser afetada por outras forças (sua matéria).” (LEVY, 2011, p. 81).

Desta forma, toda força está em constante relação com outras forças. A força se constitui no movimento dentro do caos, não é possível confundi-la com um sujeito, ela é pura ação, puro movimento. Sendo assim, a força não pertence a alguém ou a algo, ela é móvel, sua função é afetar.

Conforme Nascimento (2013) a força é o próprio afeto, já que não existem forças que não estejam sendo arrastadas, comandadas por forças superiores ou que não se apoderem de forças inferiores. Se cada força coloca sobre um elemento, determinado sentido, então estar em conexão com a multiplicidade das forças provoca sempre uma multiplicação de pontos de vista em nosso olhar e de devires outros.

Assim, a formação e o cuidado de si se misturam enquanto o ser se torna o que é. Entrecruzam-se em uma rede de afetos que geram subjetivações. Subjetivações entendida a luz dos conceitos de Deleuze (2008), onde um processo de subjetivação não pode ser confundido apenas com um sujeito, a subjetivação é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento. “... Ora, existem vários tipos de individuação, há individuação do tipo “sujeito” (é você..., sou eu...), mas há também individuação do tipo acontecimento, sem sujeito: um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha...” (DELEUZE, 2008, p. 143).

Ora um curso de formação é um processo de individuação no qual um aluno da graduação torna-se um sujeito-licenciando. E como acontecimento também se constitui em um espaço de devir. Pensamos então em como as linhas de força subjetivam o licenciando a ponto de transformarem-no em sujeito-licenciando? O que contém no

acontecimento Licenciatura em Matemática capaz de torna alguém professor de matemática?

Entendemos a formação do professor de matemática como um processo que ocorre no próprio sujeito, um movimento no próprio eu que se forma. Quando nos referimos à formação dos professores, há vemos tal qual Sócrates, como o escrito por Platão (2010) em o Mito da Caverna, o momento em que o individuo olha para seus próprios grilhões e percebe as correntes que o aprisionam e a partir daí percorre seu caminho em direção à saída da caverna, é neste momento que se inicia o processo de formação deste sujeito. Sendo assim, existe a formação de um sujeito, não de todos os sujeitos.

Foucault (2011a) já nos alertava que o processo de formação pode ser produzido pelas instituições, na realidade ele faz isso ao descrever a prisão, segundo o Modelo do Panóptico, subjetivando o sujeito ao vigia da Torre. No entanto, nos traz também o conceito de resistência e junto com ele o cuidado de si em História da Sexualidade (1984; 2011b). Mas para que participemos desta relação poder-resistência, precisamos estar preparados e com as mesmas ferramentas dos que estão exercendo o poder naquele momento, para que possamos exercer nossa resistência com a mesma intensidade. Como? Através de uma atitude temperante e de coragem da verdade. Mas, primeiramente, aquele que resiste a estas linhas de força é aquele que conhece a si mesmo, cuida de si mesmo.

O que Foucault (2011a) nos mostra é que existe em cada sujeito a possibilidade de vergar a força, achar caminhos distintos dos já estipulados, produzir uma vida única a partidos dos seus afetos. Somos *capazes* de nos colocar dentro desta construção, podemos *aprender* a reconhecer as forças que nos atingem e aceitá-las ou não. Sendo assim, para cada poder existente existe nele mesmo e no mesmo espaço uma chance de resistência. Essa é uma das forças de subjetivação, ou seja, uma força que nos afeta, tenta nos assujeitar. Há como escapar, nos proteger dessas forças? Sim, há escapes do círculo poder-saber na medida em que nos percebemos imersos dentro destas linhas de força.

A resistência existe na medida em que inventa estratégias para enfrentar o poder. Portanto, para entender os mecanismos do poder é necessário compreender as estratégias existentes para *driblar* este poder. Devemos olhar a todo o momento para nós mesmos para que, nos conhecendo, possamos estar atentos às forças que nos atingem e não nos deixemos atingir por elas caso ela não nos beneficie. Não se pode, contudo, admitir um único modo de ver uma linha de poder que age em nossos cursos de licenciatura, pois independente das técnicas de poder que existam e passem por este dispositivo, sempre existirá alguma forma de subvertê-las.

Desta forma, formar tem haver com caminhar, um caminho do qual não faz sentido olhar seu começo ou fim. O que importa é o meio. Formar então é o que se torna enquanto meio, ou seja, formar é um rizoma. Conforme Deleuze e Parnet (1998) um rizoma ou uma grama brota entre: é o próprio caminho, que se faz entre as coisas, entre as instituições, entre as regras, entre os currículos. Enfim, pensar em formação é pensar nos espaços onde os rizomas podem crescer em um curso de formação, ou seja, quais os caminhos que podem ser trilhados em curso de formação que ainda não foram arborificados.

Por meio das contribuições de Deleuze e Parnet (1998) uma formação arborificada seria todo o aparelho que se planta no pensamento para fazê-lo andar direito e fazer com que produzam as famosas ideias justas. Uma formação do tipo arborescente tem um ponto de origem, um centro. Ela é estrutura, é

sistema de pontos e de posições que enquadram todo o possível, sistema hierárquico ou transmissão de comandos, com instância central e memória recapituladora; tem um futuro e um passado, raízes e um cume, toda uma história, uma evolução, um desenvolvimento; ela pode ser recortada, conforme cortes ditos significantes à medida que seguem suas arborescências, suas ramificações, suas concentricidades, seus momentos de desenvolvimento. *Ora, não há dúvida de que nos plantam árvores na cabeça: a árvore da vida, a árvore do saber etc.* (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 12. Grifos nossos).

No entanto, dentro de um curso de formação existem linhas que não são possíveis arborificar. São estas linhas que buscamos. Linhas que resistem às árvores de nossos cursos de formação. Linhas que quebrem a árvore. Linhas de fuga, que nasçam por meio da resistência as linhas de poder.

De fato, a própria universidade se constitui de forma arborescente, no entanto, esta árvore organizada até em seus mínimos detalhes, não dá conta das linhas de fuga que surgem a todo o momento em um curso de formação. Tais linhas de fuga devem ser vistas a partir de uma arte de inventar. Linhas fuga servem para inventar novos caminhos, destruir a árvore. Fugir não é o mesmo que viajar, tampouco se mover. *Antes de tudo porque há viagens à francesa, históricas demais, culturais e organizadas, onde as pessoas se contentam em transportar seu "eu".* (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 31). Uma fuga pode ocorrer no mesmo lugar, pode ser uma viagem imóvel.

Ainda conforme este autor a fuga é uma espécie de delírio, é sair dos eixos. Fugir é resistir, é buscar caminhos outros, ainda não trilhados em um curso de formação. Fugir é resistir aos velhos ideais de formação de professores, é se inventar, é ser diferente. É não se contentar com ideias cristalizadas, é fazer o novo.

Nosso papel na Educação, como formadores, é mostrar a potência da vida, dessa forma, um curso de formação de professores deve ser mais do que uma passagem da

escola para a universidade. Dentro de um curso de formação de professores deve estar presente além dos *téchnes* matemáticos e pedagógicos caminhos que proporcionem o conhecimento de si mesmo, uma formação que proporcione um movimento de se conhecer, de se cuidar. Tornar-se.

Momentos de formação, momentos de ser professor de si mesmo em primeiro lugar. Ser professor de si mesmo é acreditar nas suas potencialidades, saber quais são estas potencialidades, sem esperar que o outro lhe diga ou ordene o que fazer. Será que não é esse tipo de professor que precisamos hoje? Um professor que antes de ser um exemplo para os outros, se constitua um exemplo para si mesmo.

Se hoje lutamos por aqueles que se encontram à margem da sociedade. Não será hora de nós mesmos lutarmos pela profissão dos professores? O Brasil vê nos últimos tempos, manifestações e mais manifestações, dentre muitas das frases escritas nos cartazes uma nos chama atenção:

Figura 1: Cartaz das Manifestações de 2013 no Brasil



Fonte: desconhecida

Deveríamos nos perguntar, quem é que está lutando por tal profissão? Quem são aqueles que lutam pela Educação, ou melhor, pela formação dos professores? Se existe uma resposta certa... Acreditamos que não... Mas uma das respostas seria o próprio professor. Que antes de ir às ruas, deveria lutar pela sua própria formação. Resistir é isso, é produzir linhas de fuga, não para fugir, mas para lutar. Como diz Arnaldo Antunes (2011) *eu quero que o tapete voe no meio da sala de estar. Eu quero que a panela de pressão pressione e que a pia comece a pingar. Eu quero que a sirene soe e me faça levantar do sofá... Eu quero estar no meio do ciclone pra poder aproveitar.*

O processo de um curso de licenciatura não é para ser calmo, fácil. É no meio do ciclone de Arnaldo Antunes (2011), que a formação se faz. Não será a potencialidade deste ciclone um dos devires do curso de licenciatura?

De fato, é preciso estar no curso de licenciatura, fazer parte de tal processo para resistir às subjetivações impostas pela própria licenciatura... Resistir às subjetivações...

Resistir aos hábitos — o maior fluxo de forças conservadoras atuantes na licenciatura — da própria formação de professores de matemática. Uma formação que privilegie o cuidado de si é uma formação que proporcione olhares para o próprio sujeito que forma bem como ao sujeito-licenciando. O que propomos é a invenção do ser professor. Pensar a formação de professores de Matemática é ter coragem de abrir-se para o novo constantemente e não para certezas, pois estas não podem existir. Em Platão (2002) Sócrates nos questiona sobre o fato de que não devemos achar que sabemos algo. Tudo está em constante criação, construção. O que existem são maneiras de ver, de olhar, de pensar e problematizar sobre elas.

Ao usarmos Foucault e Deleuze para uma discussão sobre a formação docente do professor de matemática, o fizemos, pois tanto Deleuze quanto Foucault, inventaram formas de resistência quando não se contentaram em discutir questões já debatidas, apenas por outro ponto de vista, mas construíram outros pontos de vista para tratar das práticas existentes em sua época.

De fato, tanto Deleuze quanto Foucault podem ser considerados transgressores, por serem autores indóceis, pensadores que não se submeteram ao estabelecido. O que Foucault faz em todos os seus trabalhos é colocar em evidência práticas subjetivas de sua época, e faz isso, a partir das instituições, sejam elas, hospício, escola, prisão. Já Deleuze opera uma transgressão em relação ao próprio ser, quando olha para o sujeito como o sujeito desejante, ou seja, a um sujeito que sempre deseja, um sujeito que tem vontade própria. Desta forma, estes autores enxergam no sujeito a possibilidade de criação de si mesmo, constroem uma perspectiva própria de um sujeito que se constitui a partir das práticas de seu tempo, ou seja, um sujeito constituído pela ação sobre si.

Ao encaminharmos o significado de sujeito, em Foucault e Deleuze, podemos chegar a uma ideia de sujeito que se constitui pela multiplicidade. Para Foucault (2011a) o sujeito é produto de suas subjetivações, ou seja, nos tornamos sujeitos a partir da relação de uma pluralidade de linhas de força. Já para Deleuze (2008) o sujeito é um ser singular, individuação na multiplicidade.

Pensar sobre a formação de professores é pensar em multiplicidades, em singularidades, então é preciso deixar-nos abertos a possibilidades, a potencialidades, ao novo, ao diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos este breve ensaio, tivemos por objetivo proporcionar a possibilidade de pensar a formação do professor de matemática a partir das linhas de força que atravessam, tocam, tangenciam os cursos de Licenciatura em Matemática. Acreditamos tal qual Foucault e Deleuze que tais linhas subjetivam os sujeitos envolvidos em um curso

de licenciatura em matemática. No entanto, como escapar das subjetivações, como resistir a todas as subjetivações existentes em um curso de licenciatura?

De fato, só é possível *driblar* tais subjetivações, tais linhas de força, ao utilizar técnicas de transgressão. Pode-se dizer que uma das técnicas de transgressão apresentada neste ensaio é o cuidado de si. Pois o cuidado de si já se constitui em uma preocupação do sujeito consigo mesmo. Uma preocupação com as linhas de força que lhe afetam.

Práticas de resistência... Práticas de transgressões... Práticas de lutas... É disto que falamos e buscamos... lutas por sua própria formação... lutas travadas.... Afinal, deve-se pensar primeiramente... tal qual Nietzsche em *Ecce homo*: Como alguém se torna o que é?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. ¿Qué es un dispositivo? **Sociológica** (México), v. 26, n. 73, p. 249-264, 2011.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: _____. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161(disponível para download)

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos (1977)**. São Paulo: Editora ESCUTA, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Editora 34, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 13. ed. Tradução de M. T. C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011b.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. 39 ed. **Petrópolis: vozes** 2011.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 11 Ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2010. p. 315 a 359.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ediouro, 2002.

LEITE, Cesar D. P. Educação e infância e cinema: ensaios e devires em montagens com crianças e professores. In: Silvio GALLO, Marcus NOVAES, Laisa Blancy de Oliveira GUARIENTI. (Org.). **Conexões: Deleuze e Políticas e Resistências e....** Petrópolis/Campinas/Brasília: De Petrus et Alli, ALB, CAPES, 2013. p. 209- 224.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Civilização Brasileira, 2011.

NASCIMENTO, Roberto D. S. Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos. In: Sílvio GALLO, Marcus NOVAES, Laisa Blancy de Oliveira GUARIENTI. (Org.). **Conexões: Deleuze e Políticas e Resistências e....** Petrópolis/Campinas/Brasília: De Petrus et Alli, ALB, CAPES, 2013. p. 63-85.

SOUZA, Regina Maria de; GALLO, Sílvio. Por que matamos o barbeiro?: reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, 2002, p. 39-63.

SOM

ANTUNES, Arnaldo. Envelhecer. 2011. Disponível em <<http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/1547283/>> Acesso em: 20 de outubro de 2013.